



EDUCAÇÃO DO CORPO E A (NÃO) PRESENÇA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maycon Karlos Napolitano da Silva

(Universidade Estadual de Goiás – UEG – UnU ESEFFEGO)

Lílian Brandão Bandeira

(Universidade Estadual de Goiás – UEG – UnU ESEFFEGO)

68

RESUMO

Introdução: Este trabalho investigou como se manifesta a educação do corpo na Educação Infantil, diante da ausência de professores de Educação Física em uma escola pública de Goiânia.

Objetivo: o objetivo geral consistiu em analisar os elementos constitutivos da educação do corpo de crianças da Educação Infantil de uma escola de Goiânia. **Materiais e Métodos:** a pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou observação sistemática, entrevistas semiestruturadas e registros em diário de bordo para compreender como o corpo infantil é educado no cotidiano escolar.

Resultados: os resultados revelaram práticas corporais marcadas por improviso, controle e visão biológica, com pouca intencionalidade pedagógica. Observou-se que o recreio, único momento de maior liberdade de movimento, é frequentemente utilizado como ferramenta de recompensa ou punição, refletindo uma cultura escolar disciplinadora e pouco reflexiva sobre o corpo. Também foram identificados estereótipos de gênero e manifestações de consumo, expressos na escolha dos brinquedos e nas brincadeiras, demonstrando como a cultura corporal infantil é influenciada por normas sociais e valores adultos. A Educação Física, embora prevista em documentos oficiais, ainda enfrenta resistência e não é efetivamente integrada à rotina pedagógica. Defende-se sua presença como componente curricular essencial, capaz de promover uma abordagem crítica e cultural do corpo, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança. **Conclusão:** o estudo aponta para a necessidade de superar práticas recreacionistas e assistencialistas, propondo uma atuação docente pautada na cultura corporal, na ludicidade com intencionalidade e na formação de sujeitos críticos desde a infância.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Educação Infantil; Educação do Corpo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho traz dados de uma pesquisa de TCC (Trabalho Final de Curso) apresentada ao curso de Educação Física da ESEFFEGO/UEG e desenvolvida numa escola da rede municipal de ensino de Goiânia. Essa pesquisa teve como problemática central a investigação de como ocorre a educação do corpo de crianças na escola diante da ausência da Educação Física na Educação Infantil. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa e, como instrumentos de coleta de dados, tivemos os roteiros de observação do recreio e demais rituais e rotinas da escola, entrevistas semiestruturadas com professoras pedagogas regentes e auxiliares da Educação Infantil,



profissionais de apoio da escola que supervisionam o recreio e coordenadora pedagógica. Para analisar os dados coletados, utilizamos os referenciais teóricos sobre infância, Educação Infantil e Educação Física numa perspectiva crítica acessadas na pesquisa bibliográfica e através da participação do pesquisador no Projeto de Extensão Corpo, Movimento e Infâncias.

INFÂNCIA, EDUCAÇÃO DO CORPO E EDUCAÇÃO INFANTIL

69

Para compreendermos melhor a educação do corpo das crianças na escola foi importante entender as concepções de infância presentes na nossa sociedade e como elas se materializam no ambiente escolar. A Educação Infantil representa o primeiro espaço formal onde a criança se insere socialmente, vivenciando rituais e reproduzindo signos que moldam sua corporalidade. A educação do corpo, quando ele é considerado como um corpo social, se dá sob uma diversidade de simbologias presentes em cada momento histórico adaptado à sua cultura (Le Breton, 2010).

Para Mauss (2003), esses símbolos são manifestados no corpo, por técnicas que se adaptam à necessidade cultural em relação aos gestos, posturas e ações humanas são transmitidas ao longo das gerações, contestadas e reorganizadas a cada ciclo histórico. Neste sentido, a criança está sujeita à educação informal no núcleo familiar e formal na instituição escolar/educacional.

Dessa forma, o processo histórico da Educação Infantil, desde sua elaboração, traz consigo signos que impedem a integração da criança enquanto sujeito produtor de sua história. Essas perspectivas se dão pela essência da filantropia e do assistencialismo, que enfatiza o afeto materno e fragiliza a capacidade real da criança (Merisse, 1997). Assim, o cuidado exacerbado cria conflitos de aprendizado, considerando a escola como uma extensão do ambiente domiciliar.

Desta maneira, hoje prevalece expectativas de ensino com cuidado sob a teoria da Pedagogia da Infância, que teve boa perspectiva na superação das perspectivas tradicionais mas centraliza a ênfase do aprendizado na criança. Isso então influi que a criança aprende a partir de sua autonomia, priorizando os saberes que envolvem o mundo infantil (Stemmer, 2006). No entanto, essa perspectiva desencoraja a reflexão crítica e não dá suporte para as crianças da classe trabalhadora poderem, a partir do conhecimento, elaborar novas maneiras de interação do seu corpo com o mundo.

Diante disso, a Educação Física, embora prevista nos documentos normativos, ainda enfrenta resistência para se consolidar como parte efetiva da rotina pedagógica da Educação Infantil. Na cidade de Goiânia, o Documento Curricular da Educação Infantil (Goiânia, 2020),



menção a participação de professores de educação física em contextos específicos relacionados à elaboração do próprio documento e a modelos curriculares anteriores, mas não detalha o papel de um professor especializado de educação física como um profissional distinto no cotidiano das instituições de Educação Infantil na estrutura curricular atual.

Entretanto, mesmo com a ausência da Professora de Educação Física na Educação Infantil da rede pública, a educação do corpo das crianças ainda acontece. Para entender esse fenômeno é necessário observar que a educação do corpo da criança na escola é marcada por diversos símbolos que vão moldando a forma de agir na nossa sociedade (Oliveira, 2006).

A ausência da Educação Física na Educação Infantil revela uma concepção tradicional e normatizadora do corpo, frequentemente associada ao controle disciplinar e à lógica produtivista (Soares; Figueiredo, 2009). As delimitações de espaços e o acesso ao conhecimento corporal são atravessados por condutas impostas socialmente, que definem comportamentos esperados para os corpos em cada momento da rotina escolar (Oliveira, 2006).

A educação do corpo, portanto, ocorre de modo simbólico e disciplinador, marcada por rituais escolares, delimitação de espaços e ausência de mediações pedagógicas qualificadas. O corpo infantil, ainda que inquieto e curioso, é moldado por condutas de contenção, reforçando desigualdades sociais e restringindo experiências culturais fundamentais (Soares; Figueiredo, 2009).

Para compreender isso, utilizamos uma metodologia de pesquisa qualitativa que, em estruturas multifacetadas de coleta de dados e triangulação das informações, nos permite verificar os resultados de uma forma mais abrangente e crítica.

A construção de categorias analíticas evidenciou a forma como a disciplina escolar, a estrutura física e as concepções teóricas (re)orientam ou limitam a educação do corpo na escola diante da ausência do professor de Educação Física. Essas categorias também revelam o perfil da equipe de Educação Infantil e suas concepções em relação à educação do corpo e à Educação Física.

Além disso, há traçado um paralelo com as rotinas de observações de recreio, que expressam diversas problemáticas relacionadas ao cotidiano daquele ritual. Entre eles, a problemática de gênero, consumo e dominação expressadas a partir do uso de brinquedos e nas brincadeiras predominantes do universo infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



A partir das entrevistas semiestruturadas, constatamos que as professoras definem “educação do corpo” como aspectos de disciplina, autocontrole e saúde básica, sem estabelecer conexão com práticas intencionais de cultura corporal. A Educação Física, quando mencionada, é vista muitas vezes como atividade recreativa eventual, sem planejamento sistemático.

No geral, a equipe responsável pela educação infantil tinha concepções sobre o corpo de cunho biológico ou de movimentos isolados. As professoras unidocentes relataram dificuldades no planejamento de práticas corporais e, em contrapartida, usavam o “brincar livre” como recurso metodológico.

A psicomotricidade foi outra maneira de justificar o planejamento das atividades pedagógicas relacionadas à educação do corpo na Educação Infantil. Esta perspectiva incide na fragmentação do corpo em movimentos isolados, o que enrijece a percepção crítica que se encerra ao aprender o movimento.

Nas observações do recreio, percebemos o destaque a signos e simbologias que pautam a forma de interação das crianças com o próprio corpo e o espaço escolar. As regras implícitas como: limitar corridas em determinadas áreas e a postura das profissionais auxiliares de apoio indicam uma vigilância constante e reforçam uma disciplina corporal que inibe movimentos espontâneos (Oliveira, 2006; Soares; Figueiredo, 2009). Desta forma, os dados coletados nos mostraram a existência de signos de poder e violência sutis que incidem em expressões recorrentes durante o recreio.

A observação dos materiais disponíveis no recreio nos possibilitou análises complementares acerca da educação do corpo das crianças na escola. A existência de brinquedos fixos, bolas, cordas e bonecos são carregados de significados de gênero: as meninas se agrupam em atividades de “casinha” e jogos simbólicos relacionados aos dispositivos maternos enquanto entre os meninos predominam as brincadeiras de bola, reforçando uma separação de papéis (também) corporais desde a infância.

A análise dos brinquedos e as observações dos grupos infantis mostraram que esses objetos não são neutros: eles sinalizam expectativas sociais sobre gênero e limitam a apropriação livre do espaço. Um mesmo brinquedo pode ser desencorajado para meninas, enquanto outras crianças são cobradas a participar de atividades que lhes são destinadas “por gênero” (Oliveira, 2003). Esses padrões reforçam estereótipos e evidenciam como, na ausência de um professor de Educação Física, a própria cultura escolar reproduz práticas normativas que direcionam o uso do corpo de maneira fragmentada e segmentada.



Em síntese, os resultados indicam que, sem uma mediação pedagógica especializada e crítica, a educação do corpo na Educação Infantil tende a se reduzir a fragmentos recreativos ou de controle disciplinar. A partir dessa pesquisa, defendemos a necessidade de resgate do ensino da cultura corporal na escola sob uma perspectiva crítica que ultrapasse a lógica recreacionista e promova experiências significativas para a formação de nossas crianças (Silva, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

72

Este trabalho revelou que, com a ausência de professor de Educação Física, a educação do corpo na Educação Infantil limita-se ao recreio e a ações sem intencionalidade pedagógica sistematizada. Os dados revelam o desconhecimento da importância do ensino da cultura corporal na formação da infância. Predominam visões biologicistas e recreacionistas, marcadas por controle e estereótipos de gênero.

Assim, é necessário criar estratégias, sobretudo na escola pública, para que a educação do corpo se constitua em momentos de formação crítica e respeitosa, não reproduzindo os valores sociais vigentes dotados de preconceito e exclusão. A Educação Física como componente curricular na Educação Infantil se constitui num importante caminho para a formação das crianças numa perspectiva crítica e oportuniza o acesso à cultura corporal de forma sistematizada.

REFERÊNCIAS

GOIÂNIA. **Documento Curricular da Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia**. Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia, 2020.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MAUSS, M. **As técnicas do corpo**. In: Sociologia e antropologia. Precedido de uma Introdução à obra de Marcel Mauss por Claude Lévi-Strauss.; Textos de Georges Gurwitsch e Henri Lévy0Bruhl. Tradução de Paulo Neves. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003. p. 3980423. [Texto originalmente extraído do *Journal de Psychologie*, v. 32, n. 304, 1935. Comunicação apresentada em 17 de maio de 1934].

MERISSE, A. **Origens das instituições de atendimento à criança o caso das creches. Lugares da infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato**. São Paulo: Arte & Ciência, 1997, p. 25 - 51.

OLIVEIRA, M. A. T. Práticas Pedagógicas da Educação Física nos Tempos e Espaços Escolares: a corporalidade como termo ausente? In: Bratch, R. C. **A educação Física no Brasil e na**



Argentina: identidade, desafios e perspectivas. Campinas, SP: Autores associados; Rio de Janeiro, PROSUL, p. 1550177, 2003.

OLIVEIRA, M. A. T. **A título de apresentação - educação do corpo na escola brasileira: teoria e história.** In Oliveira, M. a. t. Educação do corpo na escola brasileira. Campinas, SP, Autores Associados, Coleção Educação Física e Esportes, 2006.

SILVA, E. J. S. **A educação física como componente curricular na educação infantil: elementos para uma proposta de ensino.** Campinas, Revista Brasileira de Ciencias do Esporte. v. 26, n3 p. 127-142, maio 2005.

SOARES, J. M.; FIGUEIREDO, M. X. B. **O poder simbólico no cotidiano escolar: reflexões sobre o corpo da criança.** Ijuí, Ed. Unijuí, 176 p., 2009.

STEMMER, M. R. G. S. **Educação infantil e pós-modernismo: a abordagem Reggio Emilia.** 2006. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.